

## ***Do performativo corpo auSente***

[referentes para uma leitura de: *performance de corpo auSente*, esse silêncio do "corpo como texto"]

***PreSente, AuSente, S(e)Ente*** resultou numa das *assinaturas* de autor de António Barros (AB). Gerada no seu tempo primeiro em resposta a um desafio de José Ernesto de Sousa, no início dos anos oitenta para a Cooperativa Diferença, Lisboa, exposição: *A Caixa "fora-da-caixa"* esta peça fez-se desenhar. Mas progressivas apresentações mutantes depois surgiram. Refira-se, primeiro, no Museu Serralves, em 1999, na exposição: "PO.EX". E assim passou a peça em condição geradora a inscrever a colecção da Fundação de Serralves. Uma versão em escala maior — para uma *arte em espaço público* — foi arquitectada para *Coimbra 2003 — Capital Nacional da Cultura*, projecto: "Poesia em chão de pedra\_uma Antologia da Literatura Experimental Portuguesa" [Progesto].

A versão tipográfica do texto aplicado sobre suporte têxtil vem a surgir depois no vestuário de agentes performativos, resultando assim em plurais circunstâncias numa *marca* nominal de autor. Reside agora o modo num léxico distintivo — bem na razão dos desígnios de um "corpo como texto." Convoca então uma razão de identidade, hoje resultante na condição sinalizadora de uma territorialidade particular no percurso do autor: a titulada *performance de corpo auSente*.

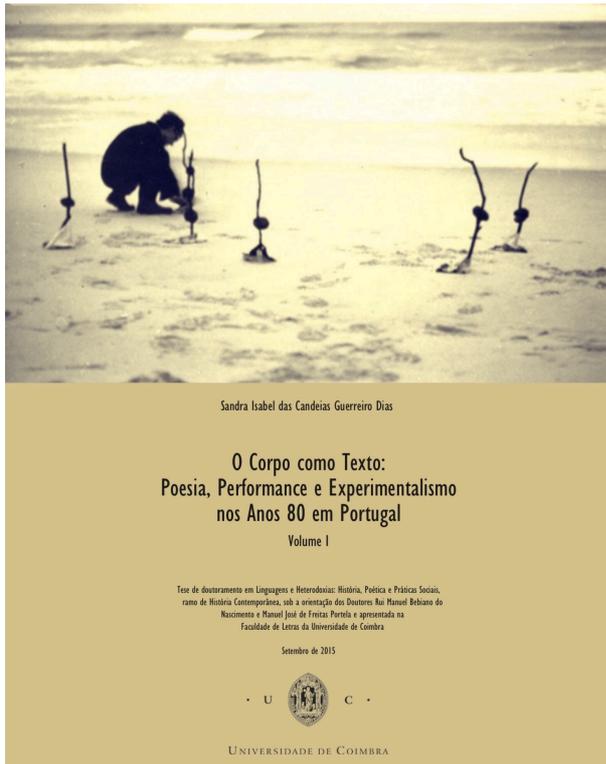
*Da condição do Corpo migrante, constrangido, esse isolacionismo de Jochen Gerz, contaminante da condição da eLegível elegibilidade.* Aqui vale referir a operação *Artitude:01 razão para Projectos & Progestos*, "Performance agora", TAGV\_Teatro Académico de Gil Vicente, Universidade de Coimbra (UC), 2017. Mas antes o modo havia sido já experienciado em: *Paisagens Neurológicas — Eco - Neuroprocessos de Criação*, 2018, curadoria de Isabel Dos, *Edifício das Caldeiras*, UC.

A *performance de corpo auSente*, tantas vezes uma prática obrigatória no percurso do autor residente nos hibridismos das linguagens das artes, resultou como um dos paradigmas nas elegias a António Aragão (AA). Tributo a este poeta que, com Herberto Helder, fundou a *Poesia Experimental* em Portugal. No centenário do nascimento de AA a *performance de corpo auSente*, por AB, foi uma prática. O livro de AB nesse contexto publicado, *Vulcânico PaLavrador\_uma elegia a António Aragão*, mas também a doação ao *MUDAS\_museu* da obra de Aragão: *Poesia URRO*, antes parte integrante da colecção de *Artitude:01*, reforçam o sentido.

O objecto\_texto gerador, e enunciatório do desígnio aqui referido, voltou recentemente a público em: *Contextile 2022*, Bienal de Arte Têxtil Contemporânea, "10 Artistas — O Têxtil na Arte Portuguesa", CIAJG-Centro Internacional das Artes José de Guimarães, 2022.

A "caixa fora-da-caixa" é tributo a José Ernesto de Sousa, e almeja, assim, cumprir prática às vontades editadas por Ernesto quando dizia a seu tempo — "precisamos de uma geração que volte a colocar os bigodes na Gioconda". Narrativa *compósita* que, em sua homenagem, surge em: *gRito de ES\_Ernesto de Sousa com GerAcção ao fundo*, 2021, numa pro\_vocação da leitura publicada no *e-book*, p.143, dedicado a Ernesto de Sousa no centenário do seu nascimento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2022.

Se [em arte] para George Steiner há uma *musculatura do espírito*, onde *a verdadeira lógica e a beleza são a mesma coisa*, não será excessivo gerar uma *performatividade para o corpo ausente*, se ele ainda se sente *ente*. Digamos: se é *preSente*, mesmo que *auSente*. Obriga nessa *hipnose serEnte*. E ele *vem de mãos* com uma acesa hermenêutica.



A imagem de capa desta tese traduz: *Manhãs Raízes*, AB, 1979, onde o autor, preSente, se revela na condição performativa processual. Depois o objecto gerado transitou, a seu tempo, para o lugar expositivo onde o autor, então auSente, resolveu a transcendência de si na *esgrita* que, auSente, neste sentido con\_sentido, sente preSente.



*PreSente/AuSente*, António Barros, *Contextile* 2022.



A leitura da comunicação entre o lugar expositivo com registo do objecto e o da sua gestão performativa é proporcionado por QRCode. Uma câmara permanente emite a criação em processo, residente na geografia da oficina onde o autor performatiza as dinâmicas que o existir da obra convocam.

*AA\_Silêncio | Cage encontra Aragão\_Aragão encontra Cage*, 2021, António Barros, *Centenário do nascimento de António Aragão*, Centro Cultural Quinta Magnólia, Funchal.



*preSente, auSente, s(e)Ente*, 2021, António Barros, *Vala Real*, Coimbra. MUDAS.museu, MACM (GRM), *Centenário do nascimento de António Aragão*, 2021, Madeira. Acto de doação de 10 poema\_objectos de: *Poesia URRO*, AA, e *Retrato de Zygmunt Bauman*, AB. A artitude foi executada entre Coimbra, AB, e Funchal, GRM, com mediação de Ricardo Brito, *performer*, portando os desígnios do texto\_assinatura, aqui (d)enunciado, grafado no peito.



Na condição por mim vivenciada, e como foi o desafio formulado, a história *Das Vanguardas em Portugal* não ficaria suficientemente revelada sem dizer: António Aragão. E mormente se o estudo segue uma geografia do território quando ela se expande para a zona atlântica.

A *Poesia Urro*, colecção de 10 peças fotográficas antes sonoramente intervencionadas (PoEx80, GNAM, Lisboa), foi-me doada pelo autor para inscrever o projecto "Comunidade Artística Abelheira" (*Progesto*, Coimbra, anos oitenta). Como guardião deste património presenteei mais tarde a colecção do MUDAS.museu, e a comunidade do arquipélago da Madeira, ofertando-lhes esta obra única de António Aragão. Contributo valioso no legado das vanguardas da Literatura Experimental Portuguesa.

O MUDAS.museu, com singular diligência de um bom ofício e saber, vem gerando práticas consecutivas na senda da Arte\_Educação, assim honrando os meus propósitos. Esta constelação, "Poesia Urro", vem sendo também galvanizadora de outras peças consequentes de outros autores que acompanhei e gerei sinergias, como António Dantas, Manuel Barbosa e Diogo Marques. Aragão ficaria contente.



Na passagem do milénio escutei, e desenhei o rosto vascular de Zygmunt Bauman [retrato hoje na colecção do MUDAS.museu], e é ele quem nos alerta: "a paixão por se fazer notar é um exemplo importante, talvez o mais gritante, dos nossos tempos, nos quais a versão actualizada do cogito (penso) de Descartes seria: 'Sou visto (observado, notado, registado), logo existo'. Existir, esse canto da rola turca: "J'Existe!". No existir *Das Vanguardas em Portugal*, para a Via Latina, revista e lugar da "Academia", chamei Pedro Cabrita Reis [que para a cidade esculpiu "Cogito"]. E com silêncios fui dizendo, com silêncios clamando nessa senda de que *a arte é sina, a arte enSina*. "Se ensinares, a quem ensinares, ensina também a duvidar do que ensinas" (Ortega y Gasset). Sim, com **palavras dizer e duvidar do diSer**. O José Tolentino Mendonça surpreendeu-me. Um dia ouvi um jornalista perguntar-lhe qual era a maior invenção da humanidade. Suspeitei que fosse dizer Deus. Mas disse que era a palavra. Sim palavras foi o que grafei na porcelana do negro *prato do dia a dia*. Essa que lava, e é lava.